

ABORDAGEM DA ÍNDIA E DA ALEMANHA NA UCRÂNIA

Por M.K. Bhadrakumar*



O chanceler alemão Olaf Scholz cumprimenta o primeiro-ministro indiano Narendra Modi antes da reunião de consultas intergovernamentais na Chancelaria em Berlim, em 2 de maio de 2022 (Reuters).

Enquanto Narendra Modi tem clareza sobre os interesses indianos, Olaf Scholz navega em águas turvas, com os interesses alemães presos entre os interesses políticos da Europa e a luta histórica da OTAN para derrubar a Rússia.

A curta visita do primeiro-ministro indiano Narendra Modi à Alemanha, vinculada à reunião da Comissão Intergovernamental Índia-Alemanha em Berlim na segunda-feira, inevitavelmente se concentrou na crise da Ucrânia. A mídia ocidental adoraria questionar Modi sobre a relutância da Índia em criticar a operação militar especial da Rússia na Ucrânia. Mas os anfitriões alemães cuidadosamente ignoraram as habituais sessões de perguntas e respostas após a aparição conjunta de Modi e do chanceler Olaf Scholz perante a imprensa.

A prudência da Índia é tão evidente quanto o zelo da Alemanha em ostentar sua condenação da Rússia. Modi e Scholz navegam em barcos diferentes. Modi é criticado por ser um “homem forte” que vê a crise da Ucrânia pelo prisma dos interesses da Índia, ao mesmo tempo em que adota uma postura de princípios, enquanto Scholz carrega o fardo da moralização vazia.

Scholz deve provar constantemente que é de fato um aliado leal do presidente Biden e que não é de forma alguma um “pacifista” (para entender a situação de Scholz, leia a enlouquecedora [entrevista](#) da *Spiegel* com ele – alternativamente irritante, enfurecedora, provocante, afrontosa e instigante).

Modi pode se dar ao luxo de ser indiferente porque está lúcido sobre onde estão os interesses indianos – sua autonomia estratégica em um ambiente internacional altamente imprevisível. Mas Scholz está nervoso como um rato porque os interesses alemães estão entre as contracorrentes da política europeia e a luta histórica da OTAN para derrubar a Rússia.

Modi está bem instalado no poder, enquanto Scholz lidera uma coalizão precária de parceiros díspares. Modi pôde testemunhar Scholz e sua ministra das Relações Exteriores Annalena Baerbock falando em duas vozes diferentes sobre a Rússia. Baerbock insistiu que as forças russas deveriam desocupar o solo ucraniano antes que as sanções ocidentais pudessem ser levantadas, mas Scholz amenizou dizendo que o levantamento das sanções ocidentais está ligado à Rússia e à Ucrânia chegarem a um acordo.

A Alemanha é uma casa dividida quando se trata de relações com a Rússia. Por outro lado, à parte o barulhento grupo de lobistas americanos que operam na Índia, o público indiano em geral reconhece a centralidade das relações amistosas da Índia com a Rússia.

A Índia tem espaço para manobra, pois a Rússia é excessivamente indulgente com a postura de Déhli, que é, essencialmente, nem apoiar nem se opor à intervenção de Moscou – algo como o professor Godbole, do romance *Uma Passagem para a Índia* de E. M. Forster, um hindu brâmane que é muito espiritual e relutante em se envolver em assuntos humanos.

Scholz, que é novo na diplomacia internacional, pode ter aprendido uma ou duas coisas com a recente visita do primeiro-ministro britânico Boris Johnson à Índia. Johnson colocou a Ucrânia em segundo plano e concentrou-se na agenda da “Grã-Bretanha Global” para criar o caminho pós-Brexit de seu país no vasto mercado da Índia.

Dito isto, Scholz se saiu muito bem em tirar os EUA de suas costas por sanções contra o fornecimento de gás da Rússia. A dependência da Alemanha do fornecimento russo de petróleo e gás (e carvão) tem sido pesada e os americanos aceitam isso como uma realidade. A questão é que a Alemanha e a Rússia têm um relacionamento denso e a crise na Ucrânia é útil para Washington tentar redefinir os parâmetros dentro dos quais as relações germano-russas funcionarão no futuro.

No caso da Índia, se Washington ousou intimidar o governo Modi, foi em grande parte porque na era pós-Guerra Fria, sob sucessivos governos do Congresso, as relações da Índia com a Rússia se atrofiaram a tal ponto que os americanos se convenceram de que era uma política indiana consciente, ditada pelas compulsões do “Consenso de Washington”, que foram um farol para lideranças passadas da Índia. Sem surpresa, o governo Biden julgou, erroneamente, que Modi também faria esse jogo.

Mas a principal diferença entre a situação alemã e indiana é que, embora a indústria alemã seja uma parte interessada no relacionamento com a Rússia, as casas corporativas da Índia, por razões mais conhecidas por eles próprios, evitam

o território russo em deferência ao desejo dos EUA. Assim, Washington tem poderosos lobistas indianos e, portanto, a audácia do governo Modi em buscar uma política independente em relação à Rússia se torna louvável.

As chances são de que a Alemanha possa retomar o relacionamento com a Rússia assim que o conflito na Ucrânia terminar. Na crônica da “Questão Alemã” na história europeia, a Rússia teve o papel de equilibrista, principalmente. Mas há uma profunda crise econômica e política esperando para explodir na Alemanha e como ela se desenrola é crucial.

A inflação crescente e a queda dramática nos padrões de vida estão azedando o clima alemão, à medida que os destroços da Ucrânia caem sobre ela. Até agora, cerca de cinco milhões de refugiados ucranianos entraram na Europa. Espera-se que esse número dobre em um futuro próximo.

Enquanto isso, a iminente crise alimentar também colocará dezenas de milhões de pessoas na África e no Oriente Médio à beira da fome, alimentando, por sua vez, a migração em larga escala para a Europa. Tal migração inevitavelmente trará a escória da sociedade ucraniana para a Alemanha, o que significa que o crime organizado, o tráfico de seres humanos, a distribuição ilegal de drogas, o crime transnacional etc., aumentarão. Que não haja enganos: a máfia ucraniana vai introduzir uma nova e viciosa cultura de crime quando começar a dominar as ruas europeias.

Ao todo, um bom equilíbrio foi alcançado durante a visita de Modi. A declaração conjunta reconheceu a prerrogativa do país anfitrião de reiterar sua “forte condenação da agressão ilegal e não provocada contra a Ucrânia pelas forças russas”. Mas formou uma declaração “independente” de uma sentença solitária, o que ajuda a sinalizar o distanciamento da Índia. A Alemanha se juntou ao apelo da Índia por uma “cessação imediata das hostilidades”, embora Berlim tenha acabado de anunciar uma grande transferência de armamento ofensivo para a Ucrânia como parte da “coalizão de vontades” liderada pelos EUA e implicitamente concorda com a agenda agressiva do governo Biden de “enfraquecer a Rússia” militarmente.

Significativamente, o clima sombrio na Alemanha se refletiu na declaração conjunta. As relações econômicas indo-germânicas estão muito abaixo do potencial e continuarão assim. A CNN publicou uma reportagem sombria no fim de semana de que não apenas a economia alemã está entrando em recessão, mas também pode sofrer “danos estruturais” que tornarão a recuperação um processo prolongado.

Claramente, por trás da retórica alemã de hoje, permanece o fato de que o aparato de inteligência de Berlim desempenhou um papel dúbio na Ucrânia, navegando a ascendência das forças neonazistas para usurpar o poder em Kiev no golpe de fevereiro de 2014. Este passado controverso é agora ainda mais complicado por Berlim alimentando o conflito despachando tanques para a Ucrânia, que era afinal a rota de invasão da Alemanha nazista.

Quando se trata da Ucrânia, a Alemanha não é uma boa companhia para a Índia. Temos um registro transparente e, com muita honestidade e integridade, Modi pôde avisar, com Scholz ouvindo, que “não haverá partido vencedor nesta guerra, todos sofrerão”.

Publicado no [Indian Punchline](#).

***M.K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.
